



HISTÓRIAS
QUE NASCEM
DA VIDA
REAL

VOZES DA JOSÉ HUMBERTO

ADOLESCENTES
TAMBÉM
ESCREVEM
O MUNDO

Crônicas de Adolescentes

organização:
Olga Bitencourt Pereira

*Palavras
também
mudam
lugares*

ESCOLA MUNICIPAL
JOSÉ HUMBERTO SOUZA DO NASCIMENTO





VOZES DA JOSÉ HUMBERTO

Crônicas de Adolescentes

1ª Edição



Organizadora

Olga Bitencourt Pereira

DOI: 10.47538/AC-2026.81



Ano 2026



VOZES DA **JOSÉ HUMBERTO**

Crônicas de Adolescentes

1ª Edição

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

V956

Vozes da José Humberto [recurso eletrônico] : crônicas de adolescentes /
organização Olga Bitencourt Pereira. - 1. ed. - Natal [RN] : Amplamente, 2026.
recurso digital

Formato: ebook
Modo de acesso: world wide web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5321-170-4 (recurso eletrônico)

1. Escritos de estudantes do ensino fundamental brasileiros. 2. Crônicas
brasileiras. 3. Livros eletrônicos. I. Pereira, Olga Bitencourt.

26-107714.0

CDD: B869.8
CDU: 82-94(81)



Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Editora Amplamente
Empresarial Amplamente Ltda.
CNPJ: 35.719.570/0001-10
E-mail: publicacoes@editoraamplamente.com.br
www.editoraamplamente.com
Telefone: (84) 999707-2900
Caixa Postal: 3402 CEP: 59082-971
Natal- Rio Grande do Norte – Brasil
Copyright do Texto © 2026 Os autores
Copyright da Edição © 2026 Editora Amplamente
Declaração dos autores/ Declaração da Editora:
disponível em:
<https://www.amplamentecursos.com/politicas-editoriais>

Editora-Chefe: Dayana Freitas
Assistentes Editoriais: Caroline
Fernandes; Margarete Baptista

Projeto Gráfico, Edição de Arte e Diagramação:
Luciano Paiva; Caroline Fernandes
Capa: Canva®/Freepik®
Parecer e Revisão por pares: Revisores
Consultoria Técnica e Revisão Crítica: Rita de
Cássia Soares Duque
Creative Commons. Atribuição-Não Comercial-
Sem Derivações 4.0 Internacional (CC-BY-NC-
ND).

A responsabilidade pelo conteúdo desta publicação,
incluindo exatidão das informações, dados,
referências, opiniões e conclusões, é exclusiva do(s)
autor(es), não respondendo à editora por eventuais
equivocos, omissões ou consequências decorrentes
do uso das informações aqui contidas.



Ano 2026



SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	7
PREFÁCIO.....	9
CRÔNICA I.....	11
<i>Em meio ao caos</i>	
CRÔNICA II	13
<i>A Casa da Minha Avó</i>	
CRÔNICA III.....	16
<i>A Caçada Canina</i>	
CRÔNICA IV	19
<i>28 de Dezembro</i>	
CRÔNICA V.....	21
<i>A Invasão do Sítio</i>	
CRÔNICA VI	24
<i>A Planta Tajá</i>	
CRÔNICA VII.....	27
<i>A Rotina de uma Profissional de Apoio</i>	
CRÔNICA VIII	30
<i>A Visita Sombria</i>	



CRÔNICA IX	33
<i>A Vingança</i>	
CRÔNICA X.....	36
<i>Amor de Outono</i>	
CRÔNICA XI	38
<i>Aprendizado da Vida</i>	
CRÔNICA XII.....	41
<i>Às vezes não temos segunda chance</i>	
CRÔNICA XIII	44
<i>Dia Inesquecível</i>	
CRÔNICA XIV.....	46
<i>Duas Sombras</i>	
CRÔNICA XV	49
<i>Olhos de Sangue</i>	
CRÔNICA XVI.....	54
<i>Noite de Terror em Família</i>	
CRÔNICA XVII	56
<i>Aparências Enganam</i>	
CRÔNICA XVIII.....	58
<i>O guarda-chuva azul</i>	
CRÔNICA XIX	60
<i>O Assobio da Viela</i>	



CRÔNICA XX	63
<i>A Campanha da Meia-Noite</i>	
CRÔNICA XXI	66
<i>O Homem Sem Rosto</i>	
CRÔNICA XXII	69
<i>O Céu Preto</i>	
CRÔNICA XXIII	72
<i>Espelhos da Ilusão</i>	



AGRADECIMENTOS

Agradeço, acima de tudo, a Deus, que vem me abençoando com saúde, força e determinação para continuar lutando pelo exercício da minha profissão e me guiando em minha caminhada como pessoa.

Agradeço aos alunos das turmas dos 8º anos A, B, D, E, G e H, do ano letivo de 2025, da Escola Municipal José Humberto Souza de Nascimento, bem como a seus familiares, pelo apoio, incentivo e inspiração que tornaram possíveis as produções reunidas nesta obra. Cada texto aqui apresentado carrega um pouco da sensibilidade, da criatividade e das experiências desses jovens escritores.

Expresso, ainda, meu especial agradecimento à coordenadora pedagógica, Alcilene Neves, pelo constante incentivo, pela confiança e pelo compromisso com a educação, sempre acreditando no potencial dos nossos alunos e apoiando as iniciativas que contribuem para sua formação.

Ao meu esposo, Luiz Augusto da Silva Santos, agradeço por estar sempre ao meu lado, pelo companheirismo, apoio e incentivo, que tornam mais leve a caminhada e me fortalecem na realização dos meus sonhos.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para que esta obra se tornasse realidade, minha sincera gratidão.

Este livro é resultado de muitas vozes, sonhos e histórias. Que ele possa permanecer como registro de um momento especial vivido na escola e, sobretudo, como lembrança de que, quando a educação



abre espaço para a expressão, cada estudante pode descobrir que tem uma história que merece ser contada.



PREFÁCIO

A crônica, enquanto gênero textual, ocupa um lugar singular na literatura por transformar o cotidiano em reflexão, sensibilidade e crítica. A partir de situações simples e experiências comuns, esse gênero permite ao leitor enxergar o mundo sob novas perspectivas, despertando emoções, questionamentos e olhares mais atentos para a realidade que nos cerca. No espaço escolar, a crônica revela-se um importante instrumento de formação leitora, de estímulo à escrita autoral e de valorização das experiências e da voz dos estudantes.

Este trabalho foi desenvolvido no ano de 2025 pela professora de Língua Portuguesa Olga Bitencourt Pereira, com estudantes das turmas dos 8º anos A, B, D, E, G e H da Escola Municipal José Humberto Souza do Nascimento, localizada no município de Barcarena/PA. A proposta pedagógica teve como objetivo despertar o interesse pela leitura por meio do gênero crônica, estimular a curiosidade dos alunos e incentivá-los a se reconhecerem como autores e ilustradores de textos que dialogam com o cotidiano, as emoções, os sonhos, os conflitos e as vivências da adolescência.

As produções reunidas nesta coletânea são, portanto, resultado de um processo de leitura, reflexão, escrita, reescrita e criação. Cada crônica apresenta um olhar particular sobre situações que fazem parte do universo juvenil, revelando a diversidade de pensamentos, sentimentos e perspectivas presentes entre os estudantes.



A dimensão artística também esteve presente nesse percurso. As crônicas foram acompanhadas por ilustrações produzidas a partir de diferentes técnicas e linguagens visuais, entre elas cubismo, expressionismo, pontilhismo, mangá e grafite, possibilitando aos estudantes estabelecer um diálogo entre a palavra e a imagem. Dessa forma, texto e ilustração se complementam e ampliam as possibilidades de interpretação e expressão artística.

Esta coletânea representa, assim, não apenas o resultado de uma proposta pedagógica, mas também o registro de uma experiência de aprendizagem, criação e descoberta. Ao escrever e ilustrar, os estudantes perceberam que suas ideias, sentimentos e histórias possuem valor e podem ocupar um espaço de reconhecimento e escuta.

Que estas páginas possam convidar o leitor a conhecer não apenas as crônicas aqui reunidas, mas também os diferentes olhares de adolescentes que, por meio da literatura e da arte, encontraram uma maneira de dizer: “Esta é a forma como eu vejo o mundo.”

E talvez seja justamente essa a maior riqueza desta obra: permitir que vozes jovens se transformem em palavras, imagens e histórias que merecem ser lidas.



CRÔNICA I

Em meio ao caos

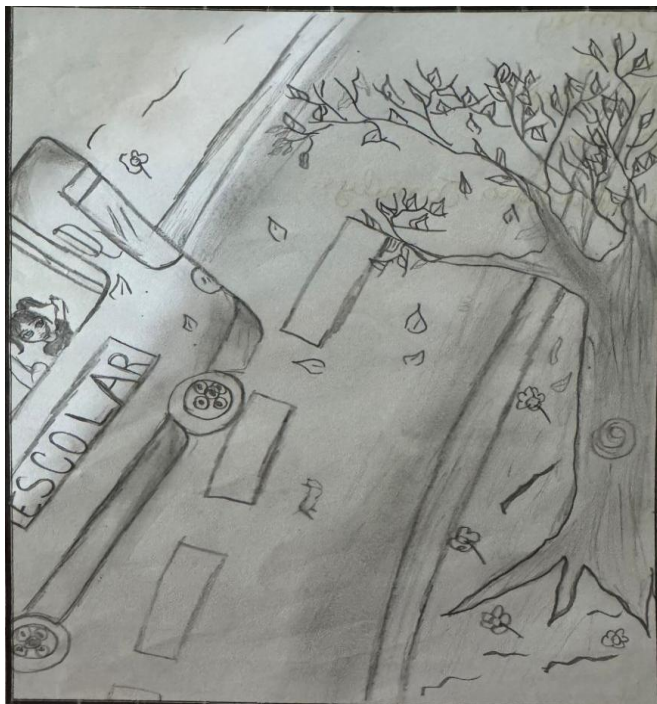


Ilustração: J.L. – TURMA 8º ANO (2025).

Bom, neste breve episódio de minha vida, eu estava em minha escola, era apenas mais um dia “normal”, no entanto em minha concepção, dias normais podem trazer grandes lições para a vida.

Era uma terça-feira, logo após algumas aulas fui liberada. Cada aluno em sua devida fila esperava a chegada de seu ônibus, parecia tudo tão movimentado, quente e inquieto. Crianças corriam



para todos os lados, aproveitando o tempo que ainda tinham antes de irem para casa.

Sinceramente não gosto de correrias na escola, os resultados sempre os mesmos: geralmente ferimentos, brigas e confusão. Isso tudo no horário de saída, é um dos meus piores pavores. Além do tumulto e agitação, lembro também que era um dia bem ensolarado, o sol parecia estar mais próximo do planeta azul.

Assim, ao entrar no ônibus me senti aliviada ao encontrar um assento livre. Nesse momento já ansiava para chegar em minha casa. Em meio ao trajeto há sempre risadas de adolescentes, altas conversas e... freadas inesperadas e engraçadas, sim, isso no ônibus é bem engraçado! A essa altura almejava só minha casa mesmo.

Então, ao observar a janela, percebo uma pequena criança dentro do mesmo ônibus, ela estava tentando agarrar as folhas das árvores ao longo do caminho, era evidente a felicidade em seu rosto; ela, embora não conseguiu pegar nenhuma folha, mas a cada tentativa pulava de alegria, desfazendo todo caos em minha volta... mas logo tudo acabou.

Instantes depois cheguei em meu ponto, portanto nem tive tempo de perguntar seu nome, mas independente disso levarei uma lição juntamente comigo: EM MEIO AO CAOS HAVERÁ COISAS SIMPLES QUE TE FARÃO FELIZ. Agora vi o quanto é lindo perceber estas coisas que aquecem o coração e desfazem o caos.

R.G.C. (Turma do 8º- 2025)



CRÔNICA II

A Casa da Minha Avó



Ilustração: E.O. – 8ª G/2025.

A casa da minha avó sempre teve cheiro de café fresco e madeira antiga. Era um daqueles lugares em que o tempo parece andar devagar, como se respeitasse a memória de tudo o que já foi vivido ali.

Faz quatro anos, em uma madrugada abafada de Belém, que essa casa me revelou um segredo que até hoje me arrepia a espinha.



Meus pais estavam doentes, vítimas da pandemia que nos fez redescobrir o silêncio das ruas e o valor dos abraços. Fui para a casa da vovó passar uns dias, buscando abrigo — não só físico, mas também emocional. Cheguei tarde, quase uma da manhã. Cansado, fui direto para o quarto de madeira escura. Era simples: uma cama de casal, um relógio antigo na parede e uma janela lateral que parecia respirar junto com a noite.

Minha avó ainda estava na cozinha, talvez preparando um chá, talvez conversando com suas lembranças. Quando o relógio marcou 1:08, o tic-tac virou um sussurro dentro do meu peito. Vovó já havia ido dormir, e eu, acordado, esperava que o sono me visitasse.

Foi então que a luz do porte se acendeu sozinha. Seu brilho cortou a madrugada e projetou na parede do quarto uma sombra que não me pertencia. Era alta, esguia, vestia um paletó e usava uma cartola. Uma figura elegante e inquietante. O estranho era que, ao olhar pela janela, não havia ninguém — só a sombra, dançando imóvel no reflexo da parede.

Meu corpo gelou, mas minha mente buscou refúgio na razão. Tentei dormir, ou pelo menos fingir que aquilo não tinha acontecido. Cochilei por alguns minutos, e despertei às 2:26. Foi então que senti a cama afundar, como se meus pés invisíveis passassem sobre o colchão. O quarto estava mudo, mas meu coração fazia barulho suficiente por todos os cantos.

Não vi nada. Não ouvi nada. Apenas senti. E ignorei. Talvez por instinto, talvez por medo. No dia seguinte, contei tudo à minha avó. Ela sorriu com a calma de quem já viu muito e disse:



— Ah, meu filho... isso já aconteceu comigo também. É só ignorar e dormir.

Como se fosse simples. Como se fosse normal. Como se sombras de cartola fossem visitas rotineiras naquele pedaço de madeira, silêncio e mistério.

Desde então, nunca mais vi a sombra. Mas sei que ela continua lá. Talvez esperando outra madrugada, outro visitante. A casa da minha avó, afinal, não é apenas feita de madeira escura. Ela é feita de histórias. E algumas, a gente prefere contar só em sussurros.

S.I.L.S. e

M.N.O.F. (8º I/2025)



CRÔNICA III

A Caçada Canina



Ilustração: E.O. – 8ª G/2025.

Era uma tarde aparentemente tranquila. Eu estava sozinho em casa, o silêncio só era quebrado pelo som distante dos carros na rua. De repente, um estalo seco ecoou no quintal. Meu coração acelerou. Prendi a respiração, tentando decifrar o que poderia ser.



Logo em seguida, vieram os latidos. Não eram latidos comuns — soavam mais graves, furiosos, como se meus cães, Max e Danúbia, tivessem visto algo que não deveria estar ali.

Aos poucos, percebi o motivo da comoção: uma gata desconhecida havia invadido o território. A intrusa tentava escapar, mas foi encurralada contra a parede. O som dos rosnados reverberava pelo quintal, e cada passo que eu dava para espiar a cena parecia ecoar demais.

Os pelos dos cães estavam eriçados, e seus olhos brilhavam em fúria. A gata, acuada, arqueava o corpo, mostrando as garras em desespero, enquanto miados agudos cortavam o ar. Eu queria correr, mas minhas pernas estavam pesadas — uma mistura de medo e impotência me paralisava.

De repente, Danúbia avançou. Em um movimento rápido, conseguiu segurar a pata da gata. Um estalo seco, seguido de um miado estridente, encheu o quintal. Max juntou-se à irmã, mordendo e sacudindo a pobre criatura como se fosse apenas um brinquedo. A cena era brutal, quase insuportável de assistir.

Os cachorros dos vizinhos começaram a uivar, como se anunciassem a tragédia. O desespero tomou conta de mim quando percebi que o sangue escorria e a cauda da gata havia sido arrancada.

Tudo parecia perdido... até que algo inesperado aconteceu.

Das sombras do muro, um vulto surgiu. Era um gato — um macho enorme, de pelagem escura, com olhos flamejantes que brilhavam na penumbra. Ele caminhava devagar, mas cada passo parecia carregar uma fúria silenciosa. O silêncio que se seguiu foi ainda mais aterrorizante.



Então, num salto repentino, ele se lançou contra os cães. O barulho de garras e dentes se chocando ecoava como uma batalha de gladiadores. O ar parecia pesado, e eu não sabia se estava prestes a assistir ao fim dos meus cães ou ao último suspiro da gata.

Foi nesse exato momento que meu pai chegou. Sua presença quebrou o clima sufocante, permitindo que os cães recuassem. O macho, ainda de pé, protegia sua companheira com um olhar ameaçador, até que, num piscar de olhos, os dois gatos desapareceram para sempre, deixando apenas o rastro de uma história que nunca mais esqueci.

R.V.S.B. (8º A/2025)



CRÔNICA IV

28 de Dezembro



Tudo aconteceu muito rápido, em uma noite até então comum. Lembro-me de estar na casa do meu irmão, assistindo a algo sem importância na TV. Minha mãe estava internada, naquela época eu não sabia exatamente o que ela tinha, o fato era que os adultos não falam com crianças a respeito de certos assuntos. Mas confesso que estava preocupada, pois aquela foi a primeira vez que



vi minha mãe internada. Antes disso, já havia acontecido episódios parecidos, mas nunca algo tão sério.

Éramos somente minha mãe, meu irmão mais velho e eu. Meu irmão e eu não costumávamos conversar, esse assunto ainda se tornava mais difícil a interação. Como toda pessoa internada, tivemos que levar algumas coisas para ela.

Chegando a UPA, não nos deixaram entrar para vê-la. Por um momento, senti medo de não saber como ela estava.

No caminho de volta para a casa, me pegava pensando... “Eu vou perder ela?... Ela vai mesmo me deixar?”

Quando chegamos em casa, sentia como se meu coração fosse explodir, como se soubesse que algo de ruim iria acontecer. Eu observava a chuva, como se o céu chorasse junto a mim. Eu estava com medo. Então, o que eu mais temia aconteceu...

A notícia de que minha mãe havia partido veio como uma facada certa em meu peito. Eu não queria acreditar, não queria aceitar que a tinha perdido, que havia perdido o meu mundo. Impossível descrever o sentimento que essa notícia arrebatadora causou no meu peito.

Hoje, conto com a ajuda do tempo, espero conseguir lidar com isso. Essa dor vai amenizar um dia? Talvez sim. Mas nunca vai desaparecer. E as lembranças boas que ficaram me ajudam a lidar com essa ausência, e mesmo sem ela presente, a vida continua.

T.B. (8ºG/2025)

Homenagem a sua mãe: D.C.



CRÔNICA V

A Invasão do Sítio



Ilustração: M.C. – 8ª G/2025.

Tem dias em que a gente não planeja nada — e, justamente por isso, tudo acontece.

Era uma manhã comum, com cheiro de café fresco, comida no fogão e vozes misturadas no quintal. Estávamos visitando minhas tias, Mariza e Milda, no Massarapó, interior de Barcarena.



Ficamos hospedados na casa de tia Mariza, espaçosa, isolada à beira da estrada. A outra tia morava bem ao lado, com meus primos Asaf e Abraão.

O dia passou tranquilo, cheio de risadas e brincadeiras. Mas perto do fim da tarde, como sempre, surgiu “a grande ideia”. Foi meu primo mais velho quem sugeriu: — Vamos no sítio do vizinho?

A curiosidade falou mais alto. Pegamos as bicicletas e seguimos. O portão estava fechado, mas não trancado. Aquilo, em vez de nos deter, foi o convite perfeito para o erro. Empurramos devagar, o rangido metálico ecoou como um aviso que preferimos ignorar.

Lá dentro, o silêncio era denso, quase sufocante. O lugar parecia abandonado, mas ao mesmo tempo havia algo de inquietante no ar — como se estivéssemos sendo observados. A cada passo, o vento sacudia as folhas secas no chão, soando como passos atrás de nós. Ríamos nervosos, tentando disfarçar a tensão.

E então ele apareceu.

Um homem, alto, parado a alguns metros, fitando-nos sem dizer uma palavra. Seu olhar era frio, enigmático. Não sabíamos quem era — o dono, um caseiro, ou alguém que simplesmente não queria testemunhas. O medo congelou nosso corpo por um instante.

Até que instintivamente, pulamos nas bicicletas. O som das correntes rangendo, os pneus girando contra a terra batida, e nossos corações disparados. O homem continuava parado, mas parecia que a qualquer momento iria correr atrás de nós.



O destino, cruel e zombeteiro, decidiu agir: o pneu da bicicleta do meu primo mais novo furou no meio da fuga. O barulho seco da câmara estourando pareceu o fim. Ficamos em pânico. Por um instante, pensamos que não conseguiríamos escapar. Mas, com esforço, empurramos a bicicleta e corremos até que as casas já estavam à vista. Só aí respiramos de verdade.

Hoje, quando lembramos, rimos — mas não rimos da coragem. Rimos porque, naquele instante, tivemos a sensação real de estar dentro de um filme de suspense barato, com a diferença de que o medo foi absolutamente verdadeiro.

Às vezes, a vida transforma o inesperado em uma lembrança inesquecível.

A.S.T. (8º E/2025)



CRÔNICA VI

A Planta Tajá



Ilustração: M.C. – 8ª G/2025.

Lembro-me da história que minha tia Lia Sales me contou, uma lembrança que até hoje arrepia minha pele. Tudo aconteceu há vinte anos, em 2005, quando ela morava em uma casa em Ananindeua, junto com uma amiga.

A casa parecia comum durante o dia: cheia de plantas, silêncio acolhedor, paredes simples. Mas à noite... a atmosfera mudava. Havia uma planta estranha em frente à porta: o Tajá. Segundo a crença popular, era uma planta que poderia atrair um espírito guardião.

A amiga da minha tia tinha um hábito peculiar: regava o Tajá com a água da carne. Dizia que isso o fortalecia — e que assim a



casa ficava protegida. Minha tia achava aquilo estranho, mas não questionava.

Certo dia, um vizinho passou de bicicleta e, num tom desconfiado, perguntou: — Você está rica agora, é? Contratou até segurança?

Minha tia estranhou. — Que segurança? Do que você está falando?

O vizinho sem mostrar qualquer dúvida respondeu: — Ontem à noite... eu vi. Tinha um homem parado na frente da sua casa. Alto. Muito alto. A pele tão escura que parecia se misturar à noite. Usava um terno impecável, como os seguranças de festas ricas. Ele não se mexia. Só estava lá... olhando.

As palavras dele ecoaram como um sussurro gelado dentro dela.

Nos dias seguintes, a história se espalhou. Todos falavam do “segurança misterioso” que guardava a casa. Minha tia começou a sentir os olhares dos vizinhos e, ao anoitecer, passou a vigiar pela janela. O coração disparava a cada sombra que se alongava. Mas, por mais que esperasse, nunca o via.

Ainda assim, havia sinais. Às vezes, passos pesados no quintal. Outras vezes, a maçaneta da porta parecia tremer levemente. E, em algumas madrugadas, ela acordava com a sensação de que alguém a observava pela fresta da janela.

Uma noite, não aguentando mais, ela foi até a amiga, quase em sussurros, com a voz trêmula: — Você sabe o que estão dizendo?



Falam de um segurança, sempre parado diante da nossa porta. Eu nunca o vi..., mas sinto que ele está lá. Estou com medo.

A amiga soltou uma risada curta, mas havia algo desconfortável em seu sorriso: — Deve ser o Tajá. Essa planta atrai proteção..., mas às vezes a proteção vem de formas que a gente não entende.

Minha tia engoliu seco. Lembrou-se das vezes em que vira o Tajá balançando sozinho, mesmo quando o vento não soprava. Lembrou-se do cheiro estranho, quase metálico, que emanava da terra depois que a água da carne escorria sobre as raízes.

Assustada, decidiu mover a planta para os fundos da casa. E foi então que algo mudou. Misteriosamente, as histórias cessaram. Os vizinhos não viram mais o homem de terno. O silêncio voltou a reinar.

Mas minha tia nunca esqueceu. Até hoje, quando fala disso, sua voz baixa, os olhos inquietos. Porque, no fundo, ela nunca teve certeza.

Será que aquele “segurança” era uma ilusão coletiva? Ou será que, de fato, havia algo — ou alguém — guardando a casa, convocado pelo Tajá?

Ninguém sabe. Mas, até hoje, naquela rua Salvador em Ananindeua, quando a noite cai e o vento sopra entre as árvores, alguns juram sentir a presença de um homem alto, imóvel, observando em silêncio...

A.L.S. (8º D/2025)



CRÔNICA VII

A Rotina de uma Profissional de Apoio

Leitor, se ajeite na cadeira, pegue sua pipoca e prepare o coração, porque a história é longa! Mas prometo que você vai dar umas risadas comigo.

O Despertar

Trrimm, Trrimm, Trrimm! — lá estava meu despertador, todo feliz em me acordar às 5h da manhã. Eu, por outro lado, não estava nem um pouco feliz. Mas me levantei. Fiz meu alongamento todo torto (se alguém me visse, ia pensar que eu estava lutando com um fantasma).

Bebi água, fui preparar uma vitamina e pensei: “Se eu sobreviver ao banho gelado, ganho o direito ao café da manhã!”.

Entrei no banheiro... e, olha, a água parecia ter saído direto do Polo Norte. Calafrios, tremedeira, parecia cena de filme de comédia. Saí correndo, me vesti rápido e pronto: estava oficialmente acordada.

O Ônibus

Peguei o ônibus. Para minha surpresa, não estava cheio (milagre do dial). Olhei a paisagem: passarinhos cantando, peixinhos no rio, árvores dançando com o vento... parecia até comercial de margarina.



Cheguei na escola José Humberto. Meu aluno ainda não tinha chegado. Cumprimentei os colegas com meu clássico:

— Bom dia!

A Sala de Aula

Entrei na sala... e quase desmaiei. Uma bagunça digna de pós-festa de aniversário de criança: cadeiras espalhadas, lixo no chão, parecia cenário de guerra. Arrumei o que pude e fui falar com a coordenadora Alcilene, que sempre é calma como quem medita antes de vir trabalhar.

— Coordenadora, minha sala precisa urgente de uma faxinal!

— Tudo bem, Delma. Qual sala?

— 8º B.

— Já vou mandar alguém limpar.

Ainda recebi um elogio:

— Parabéns, você fez um ótimo trabalho!

Fiquei até com vontade de colocar no currículo: “Experiência comprovada em arrumar cadeiras”.

O sinal bateu e lá fui eu esperar meu aluno.

Edgar em Ação

Edgar chegou! E chegou com toda a energia que eu queria ter às 5 da manhã. Entramos na sala. Cinco minutos depois ele já estava no corredor, olhando tudo, andando pra lá e pra cá.



Pensei: “Esse menino é igual rabo porco. Não para nunca!”

Chamei:

— Edgar, vem assistir à aula, senão vai se perder na matéria!

A Voz de Edgar

(Aqui entra o pensamento dele.)

“Eu sei que tenho uma cuidadora, mas minhas pernas não me obedecem. Dá uma coceira por dentro, uma agonia, e eu preciso andar. Às vezes quero até correr! Mas também penso: ‘Deus me fez assim, né? Fazer o quê?’.

Ainda bem que a Delma me ajuda. Ela copia a matéria pra mim... então, sinceramente? Vida boa! Fico só na minha, aproveitando. Se ela já escreve, pra que me estressar?!”

De Volta à Delma

E eu só penso:

— Ai, ai, ai... esse meu aluno! Não para quieto, não presta atenção, vou ter que relatar tudo pra mãe dele. Como é que vai aprender desse jeito?

Mas no fundo, sei que cada passo que ele dá, cada vez que volta pra sala porque eu chamei, já é uma vitória. Ser PA é isso: correr atrás, insistir, rir das situações e, no fim do dia, pensar: “Sobrevivi!”

A.A.M.L. (8º B/2025)



CRÔNICA VIII

A Visita Sombria

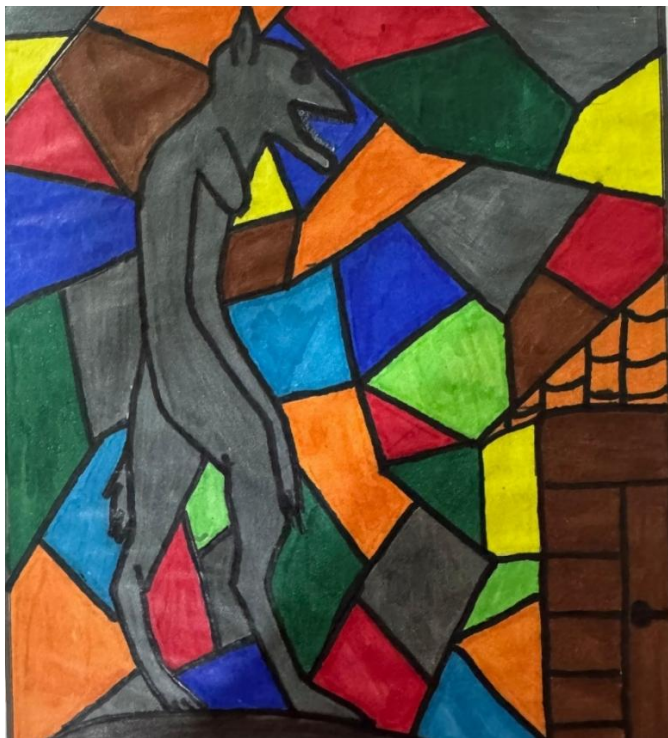


Ilustração: C.N. – 8ª E/2025.

Já se passaram quatro anos desde aquela noite estranha no interior de Viseu, no Pará, mas a lembrança ainda me persegue como uma sombra que nunca se dissipa.

Não era tão tarde, o silêncio da noite se misturava ao som distante dos grilos e do vento que agitava as folhas. Eu estava



sozinho em casa e, vencido pelo cansaço, adormeci cedo. No entanto, a tranquilidade durou pouco.

Depois do jantar, senti a necessidade de ir ao banheiro, que ficava do lado de fora. Abri a porta e uma brisa fria percorreu minha pele, causando um arrepio que não consegui explicar. Assim que pisei no terreiro, um mal-estar me dominou: o peito apertou, a respiração ficou pesada e uma estranha sensação de ser observado me fez hesitar.

A escuridão era tão densa que parecia engolir a pequena luz que vinha da casa. Dei alguns passos em direção ao banheiro e, então, o vi.

Uma figura colossal surgiu na penumbra. Seu corpo se confundia com a sombra das árvores, mas as pernas... eram de cabra, fortes, retorcidas, batendo no chão com um peso que estremecia a terra. Era tão alto que meu olhar não alcançava seu rosto; apenas a silhueta monstruosa se recortava contra a noite. Um cheiro de terra úmida e enxofre invadiu o ar.

O terror me dominou e minhas pernas simplesmente cederam. Apaguei ali, sem forças para gritar.

Na manhã seguinte, acordei tentando me convencer de que tudo não passara de um pesadelo. Mas, ao sair, o sangue gelou em minhas veias: pegadas fundas e alongadas estavam marcadas na terra úmida, como se algo gigantesco realmente tivesse estado ali.

Meus pais chegaram pouco depois. Contei o que tinha acontecido. Minha mãe riu, achando ser invenção de menino assustado. Mas meu pai permaneceu em silêncio. Seus olhos, duros



e fixos, entregavam algo que ele tentava esconder. Por fim, perguntou se eu estava bem e revelou, em voz baixa:

— Seu avô também já viu essa criatura... e descreveu exatamente o que você está dizendo.

A revelação me congelou por dentro. Não era sonho. Não era delírio. Aquela coisa existe.

Até hoje, cada vez que fecho os olhos, sinto novamente o peso daquele olhar invisível me perseguindo na escuridão.

P.T.R. (8º I/2025)



CRÔNICA IX

A Vingança

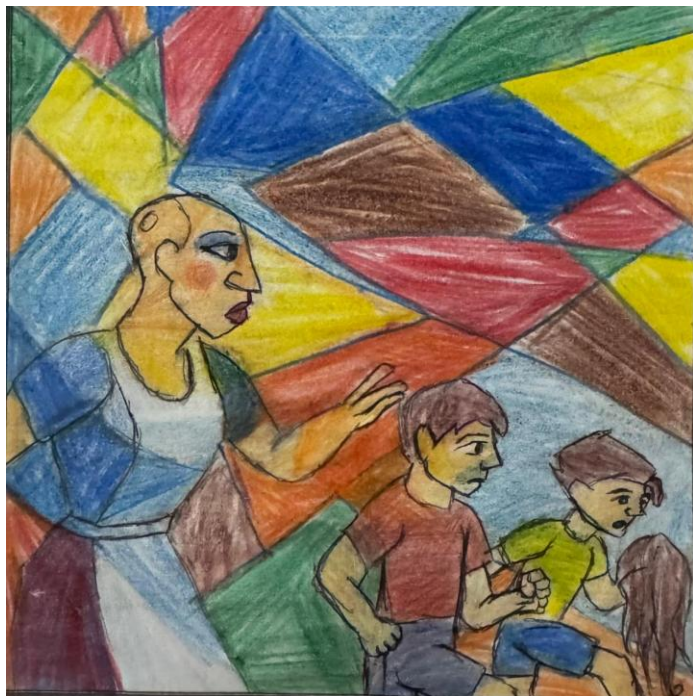


Ilustração: M.C. – 8ª G/2025.

Minha mãe havia contratado uma babá para cuidar dos meus irmãos. No começo, parecia uma mulher normal — educada, simpática, sorridente..., mas eu sabia que tinha coisa estranha aí.

Com o passar dos dias, a tal “babá” mostrou sua verdadeira cara: comia tudo que encontrava na geladeira (até o pudim que minha mãe tinha escondido!), deixava a casa parecendo um



chiqueiro, passava a tarde inteira roncando no quarto dos meus pais e ainda inventava que as visitas esquisitas eram “suas amigas”. Até meus irmãos, que são cheios de coragem para aprontar, estavam morrendo de medo dela, porque a criatura ameaçava:

— Se contarem alguma coisa, eu acabo com vocês!!!

Foi aí que eu, estrategista nato, resolvi agir.

Convoquei meus irmãos para um plano de vingança daqueles que só adolescentes conseguem imaginar. Contei tudo para minha mãe e combinei para que ela chegasse mais cedo no dia seguinte. Enquanto isso, arquitetamos uma pegadinha digna de filme de comédia ou terror. Realmente não se decifrar.

Esperei a babá cair no sono, entrei pela janela do quarto como um verdadeiro ninja, e amarrei um barbante bem grosso no cabelão preto dela. Saí de fininho, chamei meus irmãos e dei a ordem:

— Puxem com força!

O plano era simples: correr até a porta de entrada, esperar a chegada dos meus pais e deixar o espetáculo acontecer.

Quando meus irmãos puxaram, não foi só um fio de cabelo que veio: a peruca inteira voou! Rs rs. Eles correram e entregaram a “cabeleira” diretamente na mão da minha mãe, como se fosse um troféu.

A porta se abriu, e lá estava a babá, descabelada, com a cabeça brilhando e o olhar de fúria. Ela berrou:

— Saiam da frente, seus pestinhas!!!



A cena foi digna de novela mexicana: gritaria, correria e, para completar, a revelação bombástica. A babá não era babá coisa nenhuma... era um homem disfarçado de mulher!

Depois desse episódio, nunca mais ouvimos falar da “falsa babá”. Só ficou a lembrança e muitas risadas de como quase transformamos nossa casa num circo.

W.M.S. (8º A/2025)



CRÔNICA X

Amor de Outono

Aconteceu em setembro de 2023, no festival do abacaxi, quando o outono já se despedia. Estávamos em um banco do pier da Praia do Caripi, na cidade de Barcarena – Pará. O vento fresco da tarde acariciava nossos rostos como quem queria guardar aquele instante para sempre. Era apenas eu e Luna, lado a lado, olhando o sol cair lentamente no horizonte, como se o tempo tivesse decidido andar mais devagar para nos dar alguns minutos a mais.

Nos conhecemos no verão passado. Desde então, nossas vidas se cruzavam como rios que se encontram, mas não se misturam. Eu sabia: ela era como o vento — impossível de prender, livre demais para ser minha por inteiro.

Naquele fim de tarde sereno, entre olhares que diziam mais do que qualquer palavra, Luna me contou, quase num sussurro, que havia conquistado uma bolsa de estudos fora do Brasil. Era o início de um sonho para ela... e o fim do meu. Não havia espaço para promessas, apenas um silêncio pesado, que parecia rasgar o peito dos dois.

Ela sorriu ao me contar a novidade. Um sorriso triste e ao mesmo tempo luminoso, desses que ficam para sempre na memória. Era como se ela tivesse cantado, sem voz, a última canção da nossa história. Depois se levantou devagar, e eu a vi desaparecer aos poucos, levando consigo uma parte de mim.



Desde então, sempre que passo pelo pier da Praia do Caripi, olho para aquele banco vazio. É como se ainda sentisse a presença dela ali, como se o vento soprasse o nome dela nos meus ouvidos. Meu peito ainda grita de saudade, mas hoje compreendo: amar, às vezes, é ter a coragem de deixar ir. Mesmo que isso nos quebre em mil pedaços, mesmo que leve embora o coração que um dia acreditamos ser nosso.

M.R.S.C. (8ªA/2025)



CRÔNICA XI

Aprendizado da Vida



Ilustração: E.O.V. (8º G/2025).

Tudo começou quando fui passar as férias na casa dos meus avós. Era uma terça-feira, lembro-me bem, e meu coração estava cheio de expectativa. A casa deles sempre me encantava: simples, acolhedora, cercada de árvores e com aquele cheirinho de café passado que parecia abraçar a gente logo na entrada.



Naquele dia, me diverti muito. Passei horas pescando no rio que corria ali perto, lugar onde sempre me sentia em paz. Mas, à noite, algo estranho aconteceu. Os cachorros começaram a latir sem parar. O som cortava o silêncio da madrugada e me deixou inquieta. Não pude sair, então esperei ansiosamente pelo amanhecer.

No dia seguinte, ao atravessar a estrada em direção à casa dos meus avós, vi uma mucura morta. Não sabia a causa, mas aquela cena me apertou o peito. Uma tristeza silenciosa me acompanhou até o café da manhã.

Pouco depois, meus pais me chamaram para pescar novamente. Aceitei sem pensar duas vezes — a alegria voltava a brotar dentro de mim. Foi então que uma surpresa mudou tudo: meu pai encontrou uma mucurinha bebê, escondida em um vaso de plantas.

Ela era pequenina, marronzinha, com olhinhos grandes e cheios de vida. Naquele instante, senti que havia sido escolhida para cuidar dela. Passei duas semanas como sua guardiã. Eu, ainda tão jovem, aprendi o peso da responsabilidade.

Mas cometi um erro. Estava cansada e acabei esquecendo de colocar comida para ela. Além disso, deixei a caixinha aberta antes de dormir. Quando acordei, percebi que ela havia sumido, possivelmente sentiu fome e saiu atrás de comida. Procurei em todos os cantos, mas nada. Alguns dias se passaram e meu coração ainda insistia em acreditar que ela estava bem. Continuei deixando comida, na esperança de que voltasse.

Até que, certo dia, meu pai me trouxe a verdade que eu não queria ouvir:



— Filha... o cachorro matou a mucurinha.

Meu mundo desabou. Senti um vazio enorme, uma mistura de culpa e impotência. Eu tinha falhado, e ela pagou o preço pelo meu descuido. Chorei como nunca, desejando poder voltar no tempo e corrigir o erro. Mas a vida não nos dá sempre essa chance.

Foi assim que aprendi, da forma mais dura, que viver é também carregar arrependimentos. Que pequenos descuidos podem trazer grandes consequências. E que, às vezes, amar significa também sentir a dor de perder.

E.O.V. (8º G/2025)



CRÔNICA XII

Às vezes não temos segunda chance



Ilustração: R.G. – 8ª B/2025.

Era uma segunda-feira como qualquer outra. Acordei sem pressa, ainda sonolento, e comecei minha rotina. Enquanto me arrumava, minha mãe me chamou pedindo que eu fosse comprar pão. Peguei o dinheiro, subi na bicicleta e, ao abrir o portão, Rodolfo — meu fiel companheiro de quatro patas — escapou correndo pela rua. Sorri. Ele sempre fazia isso, era parte da sua travessura diária.



Pedalei pela estrada, o vento frio batendo no rosto, quando vi ao longe Rodolfo correndo atrás de mim. Estava empolgado, com a língua de fora e o olhar brilhante. Foi então que me veio uma ideia boba, mas divertida: “Vou apostar uma corrida com ele!”

E assim começou. Eu e Rodolfo, lado a lado, disputando quem chegaria primeiro. Ríamos, de algum jeito — eu com o coração leve, ele com o rabo abanando. A adrenalina tomou conta de nós e, por alguns segundos, o mundo parecia não ter perigo. Mas, de repente, um carro surgiu na minha frente. Tudo aconteceu rápido demais. Desviei por um triz, o coração disparado. Por pouco não perdi a vida. Suspirei, aliviado. Eu havia ganhado... uma segunda chance.

Comprei o pão, tentando acalmar o coração que ainda batia forte. Voltei pensando no sermão que levaria se minha mãe descobrisse o que aconteceu. “Irresponsável”, ela diria. Mas, ao olhar para trás, percebi algo estranho: Rodolfo não estava mais me seguindo. Imaginei que tivesse voltado para casa. Ele era esperto.

No caminho, notei um pequeno tumulto. Um cachorro havia sido atropelado. O corpo jazia no chão, imóvel, cercado por curiosos. Apertei o passo — não queria ver aquilo. Não podia ver aquilo. Fingi não me importar e continuei pedalando, tentando ignorar o aperto no peito.

Quando cheguei em casa, chamei por Rodolfo, mas ele não apareceu. “Deve estar escondido”, pensei, tentando me convencer. Tomei meu café, fui para a escola, mas a preocupação não me deixava em paz.



Horas depois, ao voltar, o vazio me atingiu de novo. Nenhum latido, nenhum som familiar. Foi então que a verdade me atingiu como um soco: o cachorro atropelado na rua... era o meu Rodolfo. Meu amigo. Meu companheiro. Aquele que só queria brincar comigo.

Chamei minha tia, e ela confirmou com o olhar triste o que meu coração já sabia.

— Sim, Samuel... é o Rodolfo.

Enterramos ele no quintal, entre lágrimas e silêncio. A dor me consumia — tristeza, culpa, arrependimento. Eu tive uma segunda chance. Ele, não.

Desde aquele dia, aprendi que a vida é frágil demais para desperdiçarmos com descuidos. Porque, às vezes... não temos segunda chance.

S.R.O. (8ºG/2025)



CRÔNICA XIII

Dia Inesquecível

A vida é cheia de memórias que a gente carrega sem nem perceber. Umas fazem sorrir, outras apertam o peito, mas todas ajudam a contar quem somos hoje.

Outro dia, deitada no meu quarto, deixei minha cabeça viajar. Fechei os olhos por um instante e, do nada, uma lembrança apareceu tão forte que parecia que eu tinha voltado no tempo.

Era um dia de chuva. Daqueles em que o céu fica cinza, o vento balança as árvores e o cheiro de terra molhada invade tudo. Eu ainda era criança e estava com meus primos, animadíssimos, decididos a aproveitar aquele tempo do nosso jeito: andando de bicicleta na chuva.

A gente ria alto, sem vergonha nenhuma, deixando a água escorrer pelo rosto. Jogávamos balões de água, corríamos cheios de lama, sem medo de cair, de sujar a roupa, de nada. Aquele dia parecia não ter fim, como se o mundo estivesse parado só para que a gente pudesse brincar.

No final, nossas bicicletas estavam irreconhecíveis. E adivinha? Lavar as bicicletas virou outra brincadeira. Cada jato de água era motivo para mais gargalhadas. Era tudo tão simples..., mas tão especial.

Hoje eu entendo que o que tornava aquele momento tão incrível não era a chuva, nem as bicicletas. Era o fato de estarmos juntos, vivendo algo que nunca mais iria se repetir do mesmo jeito.



Era a liberdade, a alegria boba, a sensação de que nada podia dar errado.

O tempo passou rápido demais. Os primos cresceram, cada um seguiu sua vida, e às vezes me pergunto se tudo aquilo realmente aconteceu ou se minha memória resolveu deixar tudo mais bonito. Mas uma coisa eu sei: aquela lembrança ficou guardada como um tesouro.

O tempo escapa da gente antes que a gente perceba, como água correndo entre os dedos. É por isso que a vida precisa ser vivida intensamente. Não adianta só sonhar com o futuro ou ficar preso ao passado. A vida acontece agora.

E Deus nos dá o maior presente de todos: a chance de viver momentos únicos ao lado de quem a gente ama. Porque, no fim das contas, é isso que realmente fica.

B.F.P. (8ºB/2025)



CRÔNICA XIV

Duas Sombras

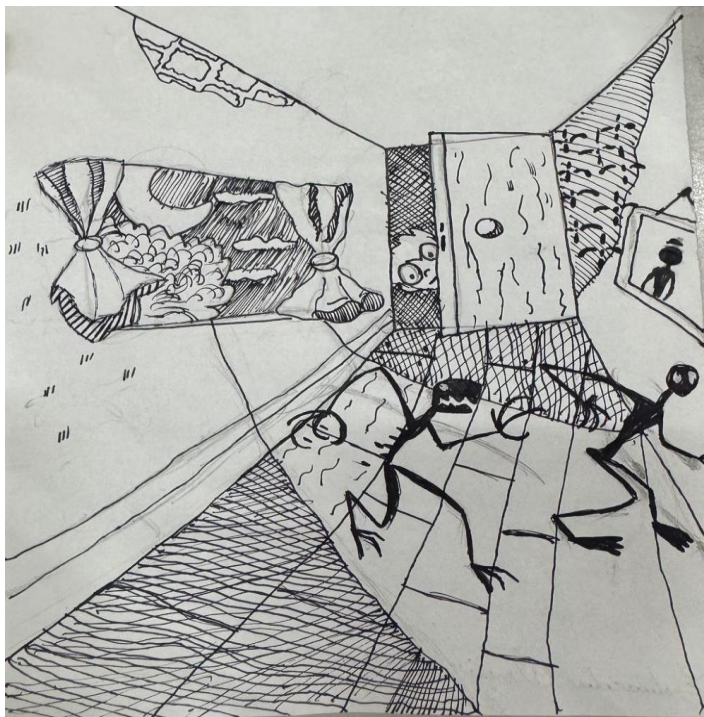


Ilustração: W.H. – 8ª B/2025.

Era madrugada de 16 de abril de 2025, na Vila São Sebastião, em Bujaru. A lua cheia iluminava tudo com um brilho fosco, quase doentio. A casa estava silenciosa demais, nem o som do vento se ouvia. Eu, sozinho na sala, mexia no celular tentando espantar o cansaço, mas o sono começava a pesar como uma sombra sobre mim.



Levantei-me devagar e fui até a cozinha beber água. A casa parecia maior do que o normal naquela hora da noite, cada passo ecoando como se alguém me observasse de algum canto escuro. Quando abri a porta para olhar lá fora, algo dentro de mim me avisava para não continuar. Ainda assim, olhei. A noite estava quieta demais. Virei para fechar a porta... e foi então que vi “Duas sombras passaram pelo corredor” rápidas, alongadas, silenciosas.

Não eram como sombras comuns. Elas se moviam de forma estranha, como se tivessem vida própria. Por um segundo, senti minhas pernas quase cederem. Meu coração parecia bater no pescoço, tão alto que eu achei que fosse despertar a casa inteira, mas não despertou. Ninguém ouviu, talvez aquelas sombras não quisessem ser ouvidas.

Engoli seco, tentei me convencer de que era impressão, mas meus olhos não mentiram. Tomei a água com a mão trêmula e fui me deitar. Fechar os olhos, porém, foi a pior parte. Cada vez que eu piscava, as sombras voltavam, mais próximas no meu pensamento, mais nítidas... como se quisessem ser lembradas.

No dia seguinte, contei tudo à minha família. Eles riram, disseram que eu estava com sono, que devia ter imaginado. Mas uma pessoa não riu. Uma única pessoa acreditou: Minha tia Edneia.

E foi aí que algo ainda mais estranho começou a me inquietar: Por que ela acreditou tão rápido? Por que seus olhos ficaram sérios, quase assustados? Será que ela já tinha visto aquilo antes? Será que sabia o que eram essas sombras?



Até hoje, ela nunca explicou o motivo de acreditar em mim. Nunca negou, nunca confirmou. Só desviou o olhar... como se tivesse medo de lembrar.

Às vezes penso que as sombras ficaram para trás naquela noite. Outras vezes, tenho certeza de que elas ainda caminham pelos corredores da casa. Observando e esperando.

A.D.B.R. (8ª/2025)



CRÔNICA XV

Olhos de Sangue

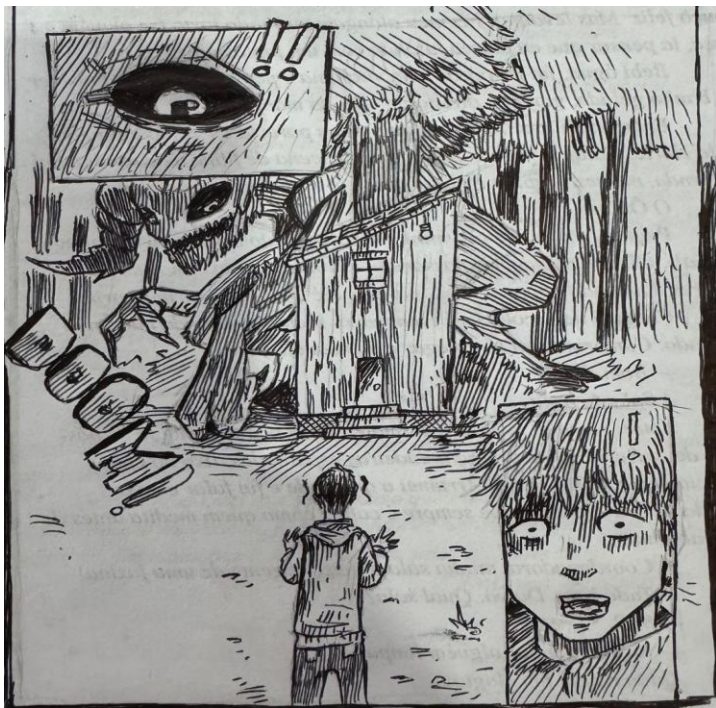


Ilustração: W.H. – 8ª B/2025.

Tempos difíceis constroem pessoas fortes — ou pelo menos é isso que dizem.

Mas há noites que não fortalecem ninguém... apenas deixam cicatrizes invisíveis.



Não lembro o dia, nem o mês. Nem a roupa que eu vestia. Só lembro da chuva. Ela caía sem pressa, batendo no telhado velho daquela casa isolada da cidade, parecendo um agoiro, como dizia minha avó.

Meus pais tinham acabado de sair para comprar algumas coisas. Fiquei sozinho — o que, na época, nunca foi problema. A solidão era quase uma velha amiga. Só que, quando a gente olha demais para o abismo... o abismo olha de volta.

Eu sempre gostei de filmes de terror. Quanto mais estranho, melhor. Achava fascinante tudo que envolvia mistério e sobrenatural. Até pensava em ser repórter investigativo um dia — sonho que morreu depois daquela noite.

O bairro onde eu morava era simples, cheio de mato, ruas de piçarra e um silêncio que, depois de certo horário, parecia vivo. Cheguei da rua, tomei banho — a água gelada escorrendo no meu corpo — e depois fui assistir “Invocação do Mal” no DVD, porque Internet era luxo naqueles tempos.

Lá pela metade do filme, pausei para beber água. Foi aí que ouvi um barulho no quintal, baixo, constante, como se algo arranhasse o chão.

O medo começou devagar, como uma pequena onda, depois cresceu, tomou força, me engoliu. Eu sabia que estava sozinho numa casa cercada por mata — e o quintal parecia escuro demais, profundo demais.

Aproximar-me foi um erro, mas eu fui. Abri a porta lentamente. Ela rangia como se tentasse me impedir. Dei dois passos para fora... e então vi: “Uma figura ajoelhada, de costas”. A criatura



estava imóvel, com uma roupa branca marcada por manchas vermelhas.

Por um segundo, meu corpo travou — o tipo de medo que prende a respiração. Mas tentei me acalmar lembrando do meu vizinho, seu Flávio. Talvez fosse ele. Foi então que tentei contato:

— Tio... o senhor tá bem? — perguntei, dando um passo à frente.

Só então lembrei: meus vizinhos tinham viajado naquela tarde, a casa deles estava vazia.

Nesse momento a coisa se levantou. Alto demais, escuro demais, errado demais. Ela num movimento rápido, escondeu-se por trás da árvore. Quando colocou a cabeça para fora... Eu desejei nunca ter olhado. A pele era negra como carvão queimado, o corpo, seco, contorcido. E os olhos... Os olhos ardiam num vermelho tão vivo que pareciam sangrar no escuro.

Eu quis acreditar que era ilusão. Quis acreditar em qualquer coisa. Mas aquilo um dia já foi humano.

Lembrei das histórias do bairro: cultos macabros, crianças sacrificadas, um demônio que caminhava à noite gargalhando pelas ruas. Eu sempre ria dessas histórias.

Até aquela noite. Porque o que estava diante de mim... era o próprio demônio reencarnado.

O ar ficou pesado. O vento parou. E, vindos da mata, ouvi gritos — gritos de crianças. Choros. Palmas. Risos. Como se várias vozes chamassem por mim. Meu corpo entrou em pânico. Consegui me mexer e corri. Corri como nunca. Tranquei a porta. Tranquei



tudo. Peguei uma Bíblia. E me enrolei na cama tremendo tanto que o colchão parecia tremer junto.

Nesses momentos, até quem nunca rezou aprende a orar. Lá fora... passos.

Passos ao redor da casa. Lentos e pesados.

Do banheiro, risadas começaram a ecoar. Eu virei, abraçado à Bíblia, com o coração espremido dentro do peito. Foi quando vi: pegadas de criança surgindo no chão, como se algo estivesse escondida de debaixo da minha cama. As pegadas eram de sangue, só que aquilo não era sangue comum — era espesso, escuro; e as pegadas... não tinham dedos.

Eu chorava sem perceber. Orava sem parar. E me perguntava: por que eles estão aqui? O que querem comigo?

Tudo ficou em silêncio. Silêncio absoluto. Respirei aliviado.

Foi quando ouvi. Um sussurro no meu ouvido tão próximo quanto um segundo coração batendo atrás de mim:

— Wirley...

A porta se abriu. Meus pais entraram. A casa estava normal. Como se nada tivesse acontecido.

Nunca contei para eles. Nunca contei para ninguém — até conhecer, anos depois, uma menina de doze anos, nas aulas de Crônicas da Professora Olga que relatou ter visto a mesma criatura. Só que a história dela teve um rumo diferente. Com ela, pouco depois...o pai sofreu um acidente.



Coincidência? Aviso? Eu não sei. Se você acredita ou não, hoje não faz diferença. Mas, se algum dia acordar de madrugada com um barulho estranho lá fora... ignore. Porque nem sempre é o vento. Nem sempre é a casa estalando. Às vezes...são apenas as portas do inferno se abrindo.

W.H.R.H. (8ºB/2025)



CRÔNICA XVI

Noite de Terror em Família

Sabe aquelas noites em que, de repente, a energia cai, a casa mergulha no escuro e todo mundo acaba se reunindo na sala com velas e lanternas do celular? Pois é... foi numa dessas noites que minha família resolveu abrir o velho baú das histórias de terror.

E, naquela noite, ninguém imaginava o que estava por vir.

Estávamos todos juntos, sentados no chão, como se o escuro tivesse aproximado nossos medos e nossas memórias. Sem TV, sem internet, sem distrações. Só nossos rostos iluminados pelo brilho fraco das velas e aquele silêncio, aí aquele silêncio...

— E aí? Qual a coisa mais estranha que vocês já viram?

A pergunta ecoou na sala como um convite para o desconhecido.

Minha mãe foi a primeira a contar, desdenhando do sobrenatural, disse que estava conversando com meu tio, numa noite comum, quando ele começou a falar sobre a Matinta Pereira — aquela criatura misteriosa, metade mulher, metade sombra, que assombra as noites da floresta.

Ela riu. Reforçando seu ceticismo. Disse que não acreditava nessas coisas. E talvez esse tenha sido o maior erro dela. Porque naquela mesma noite... tudo mudou.

Depois de irem dormir, minha mãe acordou com um arrepio estranho percorrendo sua espinha. Abriu os olhos devagar e



percebeu uma presença entrando no quarto. Tentou gritar. Tentou se mexer. Nada. O corpo dela parecia preso, pesado, como se alguém tivesse tirado toda sua força. Ela virou os olhos para a varanda...E foi aí que viu.

Uma figura parada, longa, magra. Pelos contornos parecia uma mulher — ou o que restava de algo que já foi humano um dia. Estava ali, no escuro, observando. Os olhos dela brilhavam, mas não com vida... com uma intenção que gelou todos os pensamentos da minha mãe.

A sensação era horrível: ela sabia que estava sendo observada. Sentia o peso daquele olhar atravessando o quarto, como se a criatura pudesse ver sua alma, seus medos, seus segredos.

E aí... tudo ficou preto.

Na manhã seguinte, ela acordou completamente diferente. Febre, dores, calafrios, olhar perdido.

Meu tio jurou que ela parecia ter levado um susto tão grande que até o corpo reagiu. Uma parte dela ficou ali, presa naquela noite. Foi desse dia em diante que ela nunca mais riu quando ouviu alguém falar da Matinta. Nunca mais duvidou. Nunca mais brincou com histórias que carregam medo de verdade.

Afinal... algumas criaturas não são lendas, são avisos. E naquela noite, no escuro da varanda, a Matinta Pereira não estava apenas passando. Ela estava olhando e deixou seu recado. Minha mãe o recebeu e desde então, aprendeu a respeitar o desconhecido.

L.R.S. (8ºD/2025)



CRÔNICA XVII

Aparências Enganam

Era 2019, por volta de 7h40 da manhã, quando acordei assustada com gritos que pareciam rasgar a casa. Eram sons violentos, cheios de uma fúria que eu não entendia. Ainda meio adormecida, levantei-me da cama e, ao olhar para a porta, vi meu pai transtornado. Seus olhos estavam cheios de algo que eu nunca tinha visto. Antes que eu pudesse compreender o que estava acontecendo, ouvi sua voz ecoar pela casa, forte e assustadora:

-Eu vou destruir a vida daquela mulher!

Meu coração gelou. Eu não sabia o que aquilo significava, nem porque ele dizia aquilo. Confusa, virei-me para minha tia e perguntei o que estava acontecendo, mas antes que ela pudesse responder, ouvi o rangido da porta da sala se abrindo. Era minha mãe.

Meu pai, tomado pela fúria, avançou nela. Por sorte, minha tia conseguiu impedir o pior naquele momento. Minha mãe, sem entender nada, só conseguia se defender como podia, assustada. Foi então que meu pai disse:

- Venha, Lany... vamos conversar no quarto. Nossos filhos não precisam ver isso.

Minha mãe entrou sem imaginar o que a esperava. Meu pai... ah, se nós soubéssemos.

Eu e minha irmã ficamos coladas atrás da porta, com o coração acelerado, ouvindo tudo. No começo, era apenas uma conversa tensa, mas ainda contida. De repente, o silêncio tomou



conta do quarto — um silêncio que pesava como pedra no peito. Estávamos prestes a atravessar a porta, com medo do que ele poderia fazer.

Foi quando o barulho explodiu do quarto, como se algo tivesse sido arremessado contra a parede. Meu pai tinha avançado na minha mãe. Minha tia correu com toda força e conseguiu tirá-lo de cima dela.

Minha mãe chorava de dor, segurando a cabeça e o braço. Quando me aproximei para ajudá-la, vi o braço dela... torto, inchado, numa posição que eu não conseguia nem entender. Aquela imagem me marcou profundamente — foi, sem dúvida, a pior cena que já presenciei. Chamaram o pronto-socorro, e ela foi levada às pressas ao hospital. Eu achava que o pior tinha passado, mas de repente...

O som de sirenes invadiu a casa. Senti o desespero voltar como uma onda gigante. Eu era apenas uma criança, não entendia o que iria acontecer com meu pai. Vi quando o colocaram dentro de um carro escuro, e aquela imagem doeu mais do que eu imaginava. Era como se nossa família estivesse se desfazendo diante dos meus olhos.

Muitas vezes, as famílias que vemos nas ruas se abraçando, sorrindo, trocando carinho, são justamente aquelas que escondem dores profundas dentro de casa. Não se deixem enganar pelo que parece perfeito.

Aparências enganam.

V.O.F.S. (8ªE/2025)



CRÔNICA XVIII

O guarda-chuva azul

Numa quarta-feira bem chuvosa, minha mãe estava na correria de sempre: tentando não se encharcar, segurando a bolsa, respondendo mensagem no celular e ainda correndo para não perder o ônibus. No meio dessa confusão, acabou esquecendo o guarda-chuva azul no banco do ponto de ônibus. Só percebeu quando já estava quase chegando à faculdade. Deu até risada e pensou:

-Ah, deixa pra lá... ele já estava tão velho que merecia uma aposentadoria.

Mas, no dia seguinte, adivinha? O guarda-chuva estava lá. No mesmo lugar. Só que ainda melhor: alguém tinha colocado uma sacola por cima dele, para protegê-lo da chuva. Minha mãe ficou surpresa e emocionada — afinal, não é todo dia que alguém cuida de algo que nem é seu. Ela sorriu, pegou o guarda-chuva e seguiu o dia com a sensação de que o mundo ainda tem gente de coração grande.

Na sexta-feira, lá estava ela de novo no ponto, naquele horário de almoço em que quase ninguém passa por lá. Foi quando viu um guarda-chuva infantil esquecido, colorido e pequeno. Na mesma hora, lembrou do próprio guarda-chuva azul. Então fez o que achou certo: pegou uma sacola da mochila, cobriu o guarda-chuva e o deixou num cantinho, esperando o dono voltar.

Afinal, gentileza chama gentileza, né?



E assim, sem ninguém combinar nada, aquele ponto de ônibus virou quase um clube secreto da bondade, onde pequenos gestos deixavam o dia mais bonito.

Até que um dia minha mãe se superou... e esqueceu a chave de casa no banco do ponto. Passou o dia inteiro na faculdade sem perceber. Quando voltou, já anoitecendo, viu a chave lá, quietinha no mesmo lugar — mas dessa vez tinha um bilhete junto. Nele estava escrito:

“Se esquecer algo de novo, vou começar a cobrar aluguel.
Assinado: Banco.”

Minha mãe caiu na risada ali mesmo. Guardou o bilhete e prometeu para si mesma duas coisas: tentar ser menos esquecida e nunca subestimar a criatividade das pessoas que passam por aquele ponto de ônibus.

No fim das contas, ela aprendeu que até nos lugares mais simples podem acontecer pequenas histórias cheias de carinho — e que a gentileza, mesmo quando é anônima, sempre volta de alguma forma.

L.R.B.C. (8ºB/2025)



CRÔNICA XIX

O Assobio da Viela

Eu e um amigo caminhávamos sem rumo pela Vila dos Cabanos. Era uma noite comum, ou pelo menos parecia ser. A rua estava silenciosa, o vento frio passando entre as casas, e só se ouvia o som dos nossos passos apressados sobre o asfalto. Conversávamos sobre coisas aleatórias, até que, de repente, tudo ficou quieto demais.

Foi então que ouvimos: “Um assobio”.

Era alto, fino, arrastado. Do tipo que arrepiava até a alma.

Nós congelamos. Foi como se o mundo tivesse apertado um botão de pausa. O som vinha de uma viela escura, tão escura que a luz nem ousava entrar. Meu amigo olhou para dentro da viela e depois para mim. Meu coração batia tão forte que parecia ecoar pelo corpo inteiro. Ele fingiu coragem:

— Você tá com medo?

Ele ria, mas eu via nos olhos dele o mesmo medo tentando escapar. Só que, para não demonstrar fraqueza, ele deu um passo... depois outro... e entrou na viela.

Eu fiquei parada por um segundo, sem saber se corria ou se seguia. Mas continuei atrás dele, com a respiração acelerada.

De repente, ouvimos um som seco: TEC, TEC.

Passos lentos e marcados. Os sons que pareciam se aproximar do fundo da viela.



Meu amigo parou. Eu parei. olhando o que vinha da escuridão. E então vimos.

Uma sombra alta, negra, enorme, se movendo como se deslizesse pelo chão. Meu corpo inteiro gelou. O cabelo da criatura parecia desgrenhado, como palha seca, balançando como se fosse vivo. A cada passo, eu tinha certeza de que seria o nosso fim. Senti um nó no estômago, o medo subindo pela garganta.

A sombra se aproximou mais... mais... até finalmente entrar sob um ponto de luz.

E então descobrimos a verdade.

Era a mãe dele, de chinelo na mão. Com o olhar de quem já sabia toda a história — e não estava gostando nem um pouco.

— E o lixo? — perguntou ela, com a voz que faria qualquer alma tremer.

— Tá fazendo o que na rua? Eu NÃO te deixei sair de casa!

Meu amigo empalideceu na hora. O sangue sumiu do rosto dele. Ele tentou explicar, mas a voz simplesmente falhou:

— M-mãe... esqueci de tirar o lixo...

Ela estreitou os olhos, levantou o chinelo devagar, como quem anuncia a sentença:

— Vai pra casa AGORA. A gente vai ter uma conversinha.

Meu amigo ficou paralisado. Depois de alguns segundos, reuniu o pouco de dignidade que restou e sussurrou:

— Boa noite... e talvez até amanhã...



Eu segurei a risada. Me despedi também. A mãe dele ainda teve a gentileza de me dar boa noite antes de arrastá-lo de volta para casa.

No dia seguinte, ele apareceu na escola com um olhar derrotado e contou a tragédia final: ela tinha tirado o celular dele. E ainda completou:

— Você tá de castigo até o Pelé voltar a jogar.

E assim descobrimos que, às vezes, o maior terror da Vila não está nas sombras da viela, e sim no chinelo de uma mãe brava.

A.N.S.S. (8ªA/2025)



CRÔNICA XX

A Campanha da Meia-Noite

Era sempre igual. Meia-noite em ponto — nunca antes, nunca depois — a campanha tocava. No começo, achei que fosse só uma brincadeira idiota de algum adolescente entediado. Mas, quando isso aconteceu pela quinta noite seguida, algo dentro de mim começou a dizer que tinha algo errado. Muito errado.

O silêncio daquela rua era sufocante. Toda vez que eu abria a porta, não havia ninguém. Só o vento gelado atravessando, como se mãos invisíveis tocassem meu rosto. Era um frio que não era do clima... era um frio que parecia vir de alguém.

Na sexta noite, decidi esperar. Sentei perto da porta, com o celular na mão e o coração batendo como se quisesse fugir antes de mim. O relógio brilhava no escuro: 23h59... 23h59 e meia...Meia noite

A campanha tocou três vezes. Cada toque parecia ecoar dentro da minha cabeça, vibrando pelos ossos. Sem pensar, abri a porta com força. De novo, ninguém.

Mas havia algo novo: um pedaço de papel dobrado, repousando exatamente no centro da entrada da porta, como se alguém tivesse colocado ali com extremo cuidado.

Peguei o papel. A letra tremida, borrada, parecia ter sido escrita por mãos fracas.

A mensagem dizia apenas: “Hoje a porta está aberta.”



Na hora, senti uma onda de calor subir pela minha nuca, como se alguém estivesse atrás de mim, respirando devagar. Tranquei a porta com pressa e corri para o quarto. Mas, enquanto subia as escadas, tive a sensação nítida de passos lentos me acompanhando. Olhei para trás: nada.

Deitei na cama sem conseguir pegar no sono. Devia estar caindo no sono quando ouvi uma batida seca na porta do meu quarto. TOC-TOC -TOC.

Olhei o celular: 2h58min. Levantei devagar, com as pernas tremendo. Cada passo era como entrar mais fundo em um pesadelo. Girei a maçaneta. A porta se abriu devagar...e não havia ninguém.

Tentei respirar fundo.

— Deve ser coisa da minha cabeça — pensei.

Fui até a cozinha. A luz parecia mais fraca do que o normal. Peguei água, bebi, respirei fundo. Lembrei do papel. Tinha esquecido dele no bolso. Peguei, rasguei em pedacinhos e joguei no lixo, como se isso pudesse encerrar tudo. Mas não encerrou. Nada encerrou.

Alguns dias depois, minha família decidiu se mudar novamente. Eu não protestei — só queria esquecer aquela casa, aquela porta, aquela campainha. Fomos para um bairro novo, tranquilo, cheio de crianças brincando na rua e vizinhos que davam “bom dia” ao nos verem passando.

Dois anos se passaram. Nenhum susto, nenhum som estranho, nenhuma campainha de madrugada.



Até ontem. À meia-noite, quando a casa inteira dormia, a campainha tocou três vezes. E dessa vez... eu juro que ouvi passos do lado de fora. Passos arrastados. Como se algo tivesse me encontrado de novo e estivesse me esperando atrás da porta.

K. (8ºB/2025)



CRÔNICA XXI

O Homem Sem Rosto

Aquela noite... eu preferia esquecer, mas não consigo. Estávamos voltando da casa da minha tia, e a estrada parecia mais escura do que o normal — como se alguém tivesse apagado a lua de propósito. As árvores se curvavam para dentro do asfalto, formando sombras que pareciam ganhar vida a cada movimento do vento.

Eu olhava pela janela, tentando não dormir, quando senti um arrepio tão forte que minha pele se arrepanhou inteira. Foi instintivo: virei o olhar pelo retrovisor. Então o vi.

Um homem sem rosto estava sentado no banco de trás. Ele não piscava, porque não tinha olhos; não respirava, porque não tinha nariz. Era apenas uma massa pálida, lisa, onde um rosto deveria estar. O terno preto que vestia parecia absorver toda a luz do carro.

O pior foi que ele estava me encarando, mesmo sem ter olhos.

Eu e minha prima gritamos ao mesmo tempo. O carro quase saiu da estrada quando minha tia freou assustada. O som do pneu arrastando no asfalto ecoou como um grito. Minha tia desceu num salto, nervosa, sem entender nada. Abriu a porta de trás — e encontrou apenas o vazio. O banco estava lá, imóvel, frio, silencioso..., mas havia algo diferente.

O ar lá dentro estava gelado. Não gelado normal. Gelado como de cemitério.

— Tem alguém aqui? — minha tia perguntou, tremendo.



Mas havia só silêncio. Um silêncio tão pesado que parecia vivo. Ela achou que estávamos brincando. Mas nós sabíamos. O homem sem rosto esteve ali e nós o vimos.

Nos dias seguintes, nenhuma de nós conseguiu dormir direito. A sensação de ser observada era constante — principalmente à noite. Eu acordava várias vezes com a certeza de que alguém estava parado ao lado da minha cama, me encarando no escuro.

Minhas primas também. Todas nós tínhamos o mesmo sonho:

O homem sem rosto... parado, imóvel... à beira da estrada... esperando.

A experiência nos aproximou, é verdade, mas também deixou marcas profundas.

Minha prima mais nova acordava chorando. A mais velha dizia que sentia um peso no peito. Eu... eu só sentia medo.

Medo de ele voltar. E ele voltou.

Numa madrugada, levantei para beber água. A casa estava silenciosa. Quando passei pela sala, vi pela cortina da janela a rua deserta — e uma figura parada bem no meio. Um terno preto. Mãos enormes. E o rosto...ou a falta dele.

Ele não se movia. Não respirava. Não piscava. Só estava ali. Como se soubesse que eu estava olhando.

Meu coração bateu tão forte que pensei que fosse desmaiar. Piscar foi um erro. Quando abri os olhos, ele não estava mais no meio da rua. Estava diante da janela. Apenas o vidro nos separava.



Corri para o quarto, travei a porta e chorei até dormir. Desde então, não sei se ele me segue...ou se nunca foi embora. Às vezes acordo com a sensação de alguém sentado no canto do quarto. Às vezes vejo uma sombra atrás de mim no espelho. Às vezes sinto uma respiração fria no meu pescoço — mesmo estando sozinha.

Mas há algo pior do que tudo isso é a sensação de que ele não quer me assustar.

Quer outra coisa. Algo que ainda não entendi. E toda vez que passo por uma estrada escura, eu sinto que ele está lá esperando por mim e minhas primas.

Agora, quando olho para trás, eu percebo que aquela noite foi um divisor de águas na minha vida. Foi o momento em que eu descobri que a vida é cheia de surpresas, e que às vezes precisamos enfrentar nossos medos para crescer. Eu não sei o que o futuro reserva, mas eu sei que estou pronta para enfrentá-lo, com minhas primas ao meu lado. Nós somos uma equipe, e nada pode nos parar.

N. (8ºD/2025)



CRÔNICA XXII

O Céu Preto

Em um belo dia, eu e minha família estávamos indo para o sítio do meu avô. O sítio dele fica em Mocajuba — uma cidade tão pequena que, se você piscar duas vezes, atravessa ela inteira. A viagem demorava de 3 a 4 horas, então, é claro, eu fiz o que qualquer pessoa inteligente faria: dormi igual uma pedra o caminho inteiro.

Quando acordei, já estávamos no sítio. Confesso que nem sei se o carro realmente andou ou se fui teleportado mesmo.

Assim que chegamos no porto e pegamos o barco, meu avô nos recebeu todo animado. Ele é desses avôs que parecem ter tomado três cafés antes de acordar.

— Como você está, meu filho? — perguntou ele.
— Tô bem vô! — respondi, dando aquele abraço de neto que chega com cheiro de viagem.

Entramos para jantar. Minha bisavó tinha feito frango guisado, arroz e açaí batido na hora. Uma refeição tão boa que até pareceu que o tempo parou para saborear junto com a gente. Depois, fomos todos dormir de barriga cheia e alma leve.

No dia seguinte, acordei e fui tomar café. Depois, fui pro mato com meu avô e minha mãe. Minha mãe, aliás, estava daquele jeito de sempre: simpática, carismática, bonita e... mandona. Típico de mãe.

Depois de uma manhã cansativa (e cheia de mosquitos querendo tomar meu café da manhã), chegamos para almoçar. Foi aí que perguntei:



— Mãe, quando eu terminar de comer posso tomar banho no rio?

Ela me olhou com aquele olhar de “eu te conheço, moleque”.
— Pode! Mas só se tiver gente lá. E espera a comida descer!

Terminei de comer e esperei a comida “descer” — ainda não sei como ela desce, mas sempre funciona. Fui com o pessoal para o rio. Como eu não sabia nadar e a água estava cheia, fiquei lá na ponte, só de boa.

Na ponte estavam minha irmã, minha tia e eu. Depois elas subiram, e quem ficou sozinho lá? Eu. O mais habilidoso, claro.

Foi então que meu pé decidiu fazer carreira solo. Escorregou tão rápido que quando vi, estava no rio — e sem saber nadar. Comecei a gritar igual doido.

Minha irmã gritou:

— Mãe! O Lucas tá se afogando!

Meu tio pulou na água na hora. Quando finalmente cheguei em cima da ponte, todo tremendo, minha irmã perguntou:

— Lucas, pelo amor de Deus, o que foi que tu viu?

Eu respondi ainda atordoado pelo susto:

— Irmã... eu vi o céu preto!

Pronto. Acabou. A família inteira caiu na gargalhada. E eu lá, traumatizado, parecendo um frango molhado.



Apesar do susto, houve diversão e aprendizado. Agora nunca mais vou esquecer que crianças que não sabem nadar, nunca devem entrar na água desacompanhados.

L.A. (8º A/2025)



CRÔNICA XXIII

Espelhos da Ilusão

Naquela cidade, todos caminhavam com espelhos nas mãos. Não eram espelhos comuns: refletiam não apenas a aparência, mas aquilo que cada um desejava ser. Pelas ruas, as pessoas se perdiam em brilhos e vaidades, mergulhadas no próprio reflexo.

Mariana era uma delas. Desde criança, aprendera que sua beleza era o que mais importava. Sempre impecável, colecionava elogios, mas escondia uma solidão silenciosa. Passava horas diante do espelho tentando corrigir imperfeições que só ela enxergava. Nunca era suficiente. A aprovação alheia era seu alimento diário.

As redes sociais ampliaram essa busca. Cada curtida era uma dose breve de autoestima; cada elogio, combustível para um vazio crescente. Enquanto a imagem brilhava, a vida real se tornava cada vez mais opaca.

Até que, numa manhã qualquer, Mariana viu um grupo de crianças brincando no parque. Riam livres, de roupas amarrotadas e cabelos bagunçados, sem se preocupar com julgamentos. Ali, ela percebeu o que faltava: felicidade não nasce do reflexo, mas da essência.

Decidiu guardar o espelho por um dia. Foi difícil — a insegurança parecia sufocar —, mas aos poucos começou a notar pequenos detalhes: o aroma do café da mãe, as conversas sinceras, os momentos que não precisavam de filtros.



À noite, ao finalmente se olhar, viu mais que aparência: viu uma mulher cheia de histórias. Entendeu que nenhum reflexo definiria quem ela realmente era.

Naquela cidade de espelhos, Mariana escolheu ser diferente. E, pouco a pouco, passou a mostrar aos outros que a verdadeira imagem não é a que se vê, mas a que se sente.

M.M.M. (8ªA/2025)

Entre lembranças, descobertas, alegrias, dúvidas e sonhos, cada crônica deste livro revela um olhar único sobre o universo da adolescência.

Em textos sensíveis, criativos e cheios de autenticidade, os jovens autores transformam experiências do cotidiano em narrativas que emocionam, provocam reflexões e aproximam o leitor de suas vozes e histórias.

"Vozes do José Humberto: Crônicas de Adolescentes" é mais do que uma coletânea de textos: é o resultado de um encontro entre leitura, escrita e imaginação.

Nestas páginas, os estudantes da Escola Municipal José Humberto Souza do Nascimento assumem o papel de escritores e mostram que cada vivência pode se transformar em literatura quando encontramos coragem para contar nossa própria história.

